



O EDUCADOR E A GESTÃO DA SALA DE AULA: COMBATE À INDISCIPLINA E OS DESAFIOS DO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM

Girlânio Vidal de Lima¹; Cicero Rodrigues de Lima Junior²; Moisés de Assis Alves Soares³;
Francisco Demontiez Dias Junior⁴; Patrícia da Silva Lemes⁵

Universidade Federal de Pernambuco, girlanio.vidal@hotmail.com¹; Universidade Candido Mendes,
cicerolima.junior@hotmail.com²; Universidade Federal de Pernambuco, moisesadm@hotmail.com³; Universidade
Federal de Pernambuco, demontiedias@gmail.com⁴; Universidade de Pernambuco, patty.lemos19@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar os desafios da prática docente no processo de ensino-aprendizagem, apresentando a gestão da sala de aula como alternativa de combate à indisciplina no contexto escolar, balizada pela formação continuada dos professores. Para isso, foi realizada uma discussão sobre os temas, buscando evidenciar a importância de o educador, na atualidade, se empenhar na busca pela formação da capacidade crítica dos discentes num ambiente propício ao aprendizado efetivo. Para isso, foi utilizado um *corpus* de análise de cunho exclusivamente bibliográfico, composto por obras especializadas, periódicos e artigos científicos. O presente ensaio contribuiu na construção de referencial teórico sobre os desafios e entraves no processo de ensino-aprendizagem, apresentando a gestão da sala de aula, combinada à formação continuada do professor, como estratégia de combate à indisciplina no contexto escolar.

Palavras-chave: Gestão da sala de aula, Indisciplina, Formação continuada.

Introdução

O cenário de mudança no âmbito escolar perpassa pela mão do professor que dia-a-dia está em contato direto com o educando na produção do conhecimento. Segundo Freire (1996, p.47), é necessário “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Frente a isso, o professor necessita, com a sua atuação, despertar a curiosidade nos educandos para que, posteriormente, sejam feitas indagações que favoreçam o desenvolvimento crítico-constructivo do mesmo, dando ao aluno a oportunidade para exercitar seu pensamento e explorar relações, de modo que o pensamento deixe de ser instrumento de passividade, conformismo e submissão para tornar-se um ato libertador (SANTOS; MEIRA, 2015; FUZER; DOHMS, 1998; MALDONADO; CANELLA, 2003).

O professor necessita, nesse aspecto, colocar-se a serviço de seus educandos, escutar anseios, angústias e sonhos para buscar soluções em parceria com os alunos e a comunidade escolar. Para isso, é necessário que o educador seja flexível diante de situações de conflitos, definindo objetivos concretos de intervenção para que aconteça a transformação desejada no



processo de aprendizagem, propiciando, assim, condições para que os alunos se tornem sujeitos ativos na apropriação do saber sistematizado, favorecendo o diálogo e criando situações que despertem seu interesse pelo conhecimento (SILVA; NAVARRO, 2012).

É preciso, em dias tão difíceis que a educação enfrenta, que os professores despertem a paixão dos educandos, tecendo uma teia de aprendizado contínuo. Entretanto, não é tarefa fácil para o educador estabelecer um clima harmonioso em sala de aula, pois a indisciplina se apresenta, talvez, como o inimigo número um do educador na atualidade, um dos seus maiores obstáculos pedagógicos (AQUINO, 1996, p. 41). Posto isso, a indisciplina precisa ser combatida de modo diligente e contínuo, cabendo as profissionais de ensino garantir a disciplina no contexto escolar, sob pena de permitir a desordem e a rebelião (SILVA; ABUD, 2016) que podem funcionar como uma fonte perturbadora do processo de ensino-aprendizagem (SILVA; MATOS, 2014).

As práticas e atuação do professor têm papel preponderante no combate à indisciplina no espaço escolar. Silva e Matos (2014) apontam em seu estudo que os professores muitas vezes, através de suas atitudes ou práticas, podem suscitar, criar ou reforçar os comportamentos indisciplinados. Por conseguinte, professores mais exigentes e interessados, que prezam por uma relação aberta com os alunos, são capazes de criar um ambiente de aprendizagem positivo, que incidiria numa melhor aprendizagem (SILVA; MATOS, 2014).

É importante considerar, no entanto, que os fatores relacionados à indisciplina, fogem ao escopo exclusivo do professor, pois sua gênese está atrelada a múltiplos fatores de ordem social, escolar, familiar e pessoal que transcendem a sua atuação individual (AMADO; FREIRE, 2013).

O educador, por conseguinte, deverá estar ciente de seu compromisso no ato de ensinar e buscar, com excelência e maestria, práticas que promovam a dinâmica do ensino na classe; estabelecendo metas que podem ser alcançadas, traçando novas estratégias de aprendizagem, buscando conhecer a realidade dos educandos, compartilhando suas experiências de vida, planejando as atividades com antecedência, buscando novas leituras, tendo humildade em reconhecer as falhas, virtude para traçar soluções, empenho para traçar novos métodos de avaliação e buscar integração com a família para resgatar a autoestima do educando no processo de aprendizagem (VIGOTSKY, 2003).

O educador da atualidade precisa de sensibilidade para compartilhar saberes, a partir do reconhecimento de que o aluno não é um mero objeto reprodutor de conhecimento, mas um ser capaz de conceber o novo no processo de aprendizagem. Por isso, o professor necessita de teoria/prática a serviço do aprendizado. Faz-se preciso incentivar na sala de aula, o



desenvolvimento de novas didáticas para que a capacidade crítica do aluno não seja interrompida (FALKEMBACH, 2015). Nesse âmbito, a formação continuada apresenta-se como um instrumento em potencial, pois consiste num processo constante de leitura, investigação e produção na vivência docente (HENGEMUHLE, 2004).

Posto isso, o objetivo deste artigo é elucidar reflexões à cerca do papel do professor na gestão da sala de aula como estratégia no combate à indisciplina, utilizando a formação continuada como subsídio para construção de um ambiente propício ao processo de ensino-aprendizagem.

A estratégia metodológica utilizada foi a pesquisa bibliográfica, que pode ser entendida como levantamento de um determinado tema, processado em bases de dados nacionais e internacionais que contêm artigos de revistas, livros, teses ou outros tipos de documentos (NEVES; JANKOSKI; SCHNAIDER, 2013). Nesta pesquisa foram utilizados principalmente artigos de revistas e obras especializadas que trataram dos temas propostos.

Para isso, esse estudo foi organizado em três eixos temáticos que discutem o papel do professor na atualidade, a indisciplina como entrave ao processo de ensino-aprendizagem e a gestão da sala de aula, respectivamente, seguidos pelas conclusões dos autores.

Desafios da prática docente no contexto atual

A educação tem a missão primordial de propiciar a formação e qualificação profissional do indivíduo, assim como seu preparo para o exercício da cidadania. No artigo 205 da Constituição Federal,

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p.3238).

O ensino tradicional vai de contramão a essa construção, o professor assume um papel de mero ministrador de aulas, responsável por transferir os conhecimentos para os alunos, que decoram e repetem o que lhes foi repassado, que pode ainda ser vazio de significado tanto para o estudante quanto o professor. O aluno é um ser passivo (DEMO, 1996; FERREIRA, 2001), obrigado a cumprir um currículo, tido como bom, mas que não leva em consideração suas especificidades (TIBA, 1998).

Saviani (2003), ao defender uma pedagogia crítica, mostra dois lados distintos na educação. De um lado, a escola tradicional que tinha o objetivo de transferir o conhecimento pelo educador e não deveria ser discutido, mas apreendido pelos educandos, ou seja, o centro da iniciativa dos conhecimentos discutidos era o professor. Do outro lado, a escola nova que trás um modelo que coloca o aluno no centro das iniciativas na sala de aula.



É possível perceber, nesse aspecto, uma evolução nos conceitos educacionais, onde a educação é percebida como uma troca recíproca, dependente da partilha do conhecimento (e experiências) entre professores e alunos, favorecendo, assim, a uma prática social inovadora que inaugura um novo tempo na prática docente (SAVIANI, 2003).

No que compete aos conteúdos trabalhados em classe, o autor defende a estratégia de problematização, em detrimento da mera transmissão do conhecimento, baseado num enfoque crítico-social do conhecimento que o coloca o estudante socializado na sala, em discussão permanente do cotidiano, levando em consideração o contexto social da comunidade, onde os alunos estão inseridos (SAVIANI, 2003). Os estudantes, de sobremaneira, devem se considerados como sujeitos interativos e ativos no processo de construção do conhecimento (SILVA; NAVARRO, 2012).

Freire (1980) defende o rompimento da ênfase dada ao contexto restrito do ambiente escolar, que deve ser integrado à vida social que permeia a escola:

Somente uma outra maneira de agir e de pensar pode levar-nos a viver uma outra educação que não seja mais o monopólio da instituição escolar e de seus professores, mas sim uma atividade permanente, assumida por todos os membros de cada comunidade e associada de todas as dimensões da vida cotidiana de seus membros (FREIRE, 1980, p.117).

É imposto ao professor, no entanto, o desafio de educar numa sociedade que ainda parece privilegiar uma perspectiva antropocêntrica de mundo e que cedeu aos paradigmas e imposições do capitalismo, evidentes no consumismo desenfreado e na inversão dos valores (GOMES, 2006).

Frente a isso, faz-se necessária a busca de meios alternativos para o sistema educacional atual, dada a valorização do ter em lugar do ser e a perda da essência do ser humano como ser histórico, agravada ainda pela falta de consciência crítica frente às situações do cotidiano, frutos da imposição da sociedade da informação em detrimento da sociedade do conhecimento (MEDINA; SANTOS, 1999).

Nesse sentido, a tarefa do educador é mostrar para o aluno os perigos da sociedade globalizada e também as vantagens trazidas pelos meios de comunicação. É importante saber trabalhar com as tecnologias que o mercado oferece (CRUZ et. al, 2014; FERREIRA; VIEIRA, 2013), mas sob um caráter utilitário e crítico, avesso à alienação e ao adestramento. A reflexão dialogada mostra-se um importante passo para se chegar a isso.

É preciso dialogar com o outro em busca de construir um mundo melhor para todos, e é essa também uma prática inerente à vivência docente. De acordo com Freire (1980, p.23), “o diálogo é



um encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orienta-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar”.

O professor necessita se colocar a serviço de seus educandos, escutar anseios, angústias e sonhos para buscar soluções em parceria com os alunos e a comunidade escolar. Para isso, é necessário para o educador ser flexível diante de situações de conflitos, definir objetivos concretos de intervenção para que aconteça a transformação desejada no processo de aprendizagem. O professor deverá propiciar as condições para que os alunos se tornem sujeitos ativos na apropriação do saber sistematizado, favorecendo o diálogo e criando situações que despertem seu interesse pelo conhecimento (SILVA; NAVARRO, 2012).

Sobre esse ponto, Freire (1992, p. 11) posiciona bem a questão:

É na fala do educador, no ensinar (intervir, devolver, encaminhar), expressão do seu desejo, casado com o desejo que foi lido, compreendido pelo educando, que ele tece seu ensinar. Ensinar e aprender são movidos pelo desejo e pela paixão.

É preciso que os professores despertem a paixão dos educandos, tecendo uma teia de aprendizado contínuo de ação e reflexão, “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996, p.38).

O educador da atualidade precisa de sensibilidade para compartilhar saberes, reconhecer que o aluno não é um mero objeto reprodutor de conhecimento, mas um ser capaz de conceber o novo no processo de aprendizagem. Ser educador é um grande desafio, mas o que não se esforça para buscar formação permanente, que não planeja, que não estuda, que não analisa seu método, em busca de inovação, não terá capacidade de gerir e muito menos estabelecer um padrão de qualidade no processo de ensino-aprendizagem.

A indisciplina na sala de aula: um entrave no processo de ensino-aprendizagem

No contexto educacional brasileiro, os alunos apresentam indisciplina e desinteresse pelos conteúdos que, por sua vez, são desvinculados da realidade desses atores, ao mesmo tempo em que aceitam qualquer coisa que lhe empunham sem questionamento, desde que não sejam cobrados por isso (SOUZA, 2014).

Dentro do escopo moral, a indisciplina caracteriza-se como uma desobediência às regras definidas. No contexto escolar, Tiba (1998) afirma que a indisciplina é um resultado quase natural da falta de educação.



Os atos de indisciplina, por parte dos estudantes, estão relacionados às atitudes como falar ao mesmo tempo em que o professor, responder com grosserias, brigar com colegas de classe, ser desobediente, bagunçar, não fazer as atividades propostas (OLIVEIRA 1996).

Silva e Lopes (2010) traçaram uma tipologia da indisciplina com base em três perturbações: pontualidade, conflitos e vandalismo. O primeiro se aplica ao aluno, ao professor e ao próprio sistema, que dentro de suas ações apresentam (im)pontualidade. Os conflitos referem-se às fricções e desentendimentos na relação entre alunos que podem afetar a relação entre eles e alcançar patamares de violência, roubo, extorsão, etc. O vandalismo constitui-se como um ato infrator à própria instituição escolar, em sua maioria, dada a sua simbologia.

Os aspectos relacionados à revelia do estudante podem estar elencados a fatores sociais e familiares, que extrapola a relação professor-aluno e perpassa desde a desestruturação familiar até a crise ética que permeia a sociedade (PERIN; CORDEIRO, 2002). Mas, no escopo dessa pesquisa, será enfatizado o papel essencial do professor na sua relação com o estudante e o meio que o permeia, no reconhecimento do seu importante papel de coordenador do processo educativo, responsável por criar espaços pedagógicos instigantes para a aprendizagem significativa (SANTOS, 2006).

A relação professor-aluno, porém, poderá apresentar-se como uma causa da indisciplina, quando é guiada pelo autoritarismo, inadequação da metodologia e ausência de diálogo com o grupo (SOUZA, 2014). Nas conclusões do estudo de Amado (2001), que buscou explorar a dimensão interacional da indisciplina na aula, os alunos citaram fatores relacionados à prática docente que favorecem a indisciplina na sala de aula, tais como: incompetência técnica (não sabe ensinar), utilização de método expositivo, repetitivo e monótono, onde os estudantes não aprendem. Somado a isso, os estilos de autoridade que balizam nos extremos demasiado severo ou permissivo também contribuem para a indisciplina. O professor é também percebido como inconsistente, incoerente e injusto (AMADO, 2001).

Sendo assim, para a construção de uma aprendizagem significativa, o ambiente e a convivência escolar deverão ser pautados por regras e limites que balizem o comportamento dos seus agentes (ANTUNES, 2009). Esses limites e regras, porém, não deverão arraigar um ambiente enrijecido e avesso à liberdade dos educandos. O professor deverá ser capaz de construir uma autoridade democrática consciente da importância da liberdade dos estudantes, sem jamais minimizá-la. Diante disso, as regras devem ser construídas coletivamente e não impostas por um contrato pedagógico arbitrário, a autoridade precisa ser legitimada (AZEVEDO; FERNANDES,



2012). A disciplina verdadeira reside no alvoroço dos inquietos, na dúvida e na esperança que desperta (FREIRE, 1996).

Antunes (2009) destaca as habilidades que o professor deve desenvolver em sala de aula para gerenciar a indisciplina, que consistem em perceber as diferenças com bom humor, ouvir o aluno, ter empatia, reconhecer quando errar e, quando necessário, aplicar as medidas disciplinares com prontidão, seriedade e justiça.

A participação do docente é essencial para a gestão disciplinar, mas a falta de preparo desses autores para intervir em situações disciplinares, revela-se um obstáculo proeminente e um grande desafio (PHELAN; SCHONOUR, 2009; SERRA, 2009), pois uma manifestação de indisciplina pode ser uma atitude reivindicatória dos estudantes pela mudança da prática docente em sala de aula. É preciso despertar o respeito do educando pela instituição escolar, para que o mesmo tenha prazer em frequentá-la. Segundo Aquino (1998), a indisciplina é uma resposta clara ao abandono das atividades docentes em sala de aula, apenas através do desempenho do seu papel como professor, os alunos poderão ter clareza quanto ao seu próprio papel. Assim, na interação com o aluno, o professor é o gestor, deverá fazer uma autoavaliação do seu trabalho, da forma com que desenvolve seu conteúdo e da sua interação com os alunos (SOUZA, 2014).

As aulas podem inibir ou desinibir o aluno, como também provocar sua indisciplina. O professor tem o papel de mediador e facilitador no processo de ensino-aprendizagem na interação com o docente na construção do saber (SOUZA, 2014).

É relevante situar que o docente tem um papel preponderante para a gestão da indisciplina na sala de aula, mas a responsabilidade e atuação não deve ser restrita apenas a ele, pois é uma missão conjunta dos agentes indissociáveis: escola, sociedade, família e aluno. Cabe ao professor, alçar alternativas que prezem a disciplina em sala de aula de modo que esse ambiente seja dinâmico e propício para a construção do conhecimento.

Gestão da sala de aula: um caminho de combate à indisciplina

A relação entre ensino e aprendizagem não é uma mera transmissão de conhecimentos, um processo mecânico, onde o professor ensina e o aluno aprende, é uma relação recíproca, pautada pelo papel de dirigente, exercido pelo professor, e das atividades dos alunos (SILVA; NAVARRO, 2012; VEIGA, 1993).

O professor, na construção do conhecimento, deve refletir a gestão de sala de aula e aplicá-la de forma contínua à sua prática pedagógica. A elaboração do conhecimento efetivo consiste na colaboração do professor com o educando que, por intermédio da ação, possibilita ao aluno decifrar



e construir uma representação mental do objetivo em estudo, captando sua essência (VASCONCELLOS, 2002). É essencial reconhecer os docentes como sujeitos no processo de ensino-aprendizagem, como educadores, mas também como gestores e co-gestores do seu trabalho para a mudança real ou fictícia no interior das escolas (ARANHA, 2005).

Sendo assim, o professor deverá ter clareza dos objetivos que visa atingir no exercício do seu trabalho, não os objetivos operacionais oriundos da prática tecnicista, mas relacionados à intencionalidade da educação, à sua dimensão teleológica. A meta a ser atingida é a prática pedagógica significativa, onde dialogicamente deverá confrontar realidade e objetivo, de maneira consciente, ativa e transformadora (VANCONCELLOS, 2002).

Segundo Gauthier et al. (2006), a ação do professor consiste em duas tarefas ou condicionantes: a *gestão do conteúdo* e a *gestão da classe*. A gestão do conteúdo consiste nas estratégias e nos aspectos didáticos relacionados ao ensino que o professor lança mão para levar os alunos a aprender e inculcar seu gosto pelas diversas matérias (GAUTHIER et al, 2006).

A gestão da classe pauta-se num conjunto de regras e estratégias para o estabelecimento de um clima ordenado e favorável à aprendizagem, com o estabelecimento de rotinas, medidas disciplinares e desenvolvimento de responsabilidades (GAUTHIER, 2006). Mas deve se estabelecer um clima de confiança, empatia e respeito para ensinar a aprendizagem, tornando as aulas mais prazerosas (SILVA; NAVARRO, 2012). Tardif (2002) defende a convergência dessas duas condicionantes na prática docente, em prol da aprendizagem efetiva do estudante.

Arruda et. al (2011), aponta a limitação dessas duas condicionantes, se dissociadas da ação do professor de gerir sua própria aprendizagem e desenvolvimento. Pois, os professores enfrentam as aulas, logo após sua formação, sem estarem preparados para os problemas oriundos da prática diária (RIGGIO, 1999).

A formação continuada apresenta-se como uma possibilidade de preencher as lacunas da formação inicial do professor e proporcionar-lhe qualificação da prática pedagógica, pois o coloca em um processo constante de leitura, investigação e produção (HENGEMUHLE, 2004). A formação inicial ou continuada deve preparar o educador para atuar na docência e compreender sua prática pedagógica como um processo de aperfeiçoamento contínuo (CORREIA, 2008; TARDIF, 2002), impelindo-lhe a desenvolver uma prática consistente, ligada diretamente à vida dos estudantes (NUNES, 2001).

Para isso, é indispensável ao educador reconhecer a relação entre teoria e prática como um processo primordial para a construção do conhecimento. Ambas devem ser trabalhadas



simultaneamente, pois a prática é a ação guiada e mediada pela teoria (CORREIA, 2008; TARDIF, 2002, FERRAZ, 2000; GADOTTI, 1998).

O professor deve estar em processo constante de construção e renovação de sua práxis, em busca da inovação por intermédio de aulas criativas, diversificadas e desenvolvimento de projetos que envolvam a equipe escolar em caráter integral para a garantia de um ensino de qualidade e uma aprendizagem efetiva (SILVA; NAVARRO, 2012).

A gestão em sala de aula, que tem o professor como sujeito gestor do processo de ensino-aprendizagem, deverá propiciar a construção de um ambiente e de práticas pedagógicas propícias à construção do conhecimento e autonomia dos educandos, pautadas pela gestão efetiva dos conteúdos, dos aspectos disciplinares nas aulas e na sua formação continuada.

Considerações Finais

O objetivo desse ensaio teórico foi explicitar a importância da atuação do professor em sala de aula, de modo a propiciar um ambiente adequado para a construção do conhecimento e da aprendizagem efetiva, frente a um contexto capitalista que se alastrou em grandes e rápidas proporções, arraigando a inversão de valores, o consumo sem precedentes, as disfunções éticas, os conflitos familiares. É esse o cenário com que os estudantes se deparam, e esses são os grandes desafios para o exercício da docência no sistema educacional contemporâneo.

As disfunções estudantis, expressas nas manifestações de indisciplina em sala de aula, ensejam do docente um papel ativo e de gestão, onde deverá estabelecer o que se é permitido e o que não é, entretanto, isso não deverá ser feito de maneira unilateral, mas ser fruto de uma construção coletiva, prezando a liberdade, autonomia do estudante e seu exercício crítico e questionador. Para se alcançar tal objetivo, a formação continuada e a busca de inovação e dinamicidade nas interações professor-aluno, em contraponto à visão tradicional do aluno como ser passivo, deverão ser perseguidas pelo professor-gestor.

É oportuno salientar que este ensaio destacou a importância da gestão da sala de aula, feita por intermédio do professor, somada à formação continuada como alternativas de combate à indisciplina, mas cabe reconhecer que esse problema não pode ser reduzido apenas à atuação e responsabilidade docente, deve ser percebido e sua solução deverá ser buscada pelo conjunto escola, família e sociedade.

Nesse escopo, as contribuições desse estudo consistiram em evidenciar o papel do professor nesse processo para a minimização das disfunções em sala de aula e na construção de um ambiente propício à aprendizagem efetiva. E enseja, assim, novas reflexões e estudos empíricos para a



compreensão dos fatores que influem na indisciplina no contexto escolar, visando a busca de alternativas para intervir em tal problema.

Referências

- ANTUNES, C. **Professor bonzinho = aluno difícil**: a questão da indisciplina em sala de aula. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 16. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.
- AQUINO, J. G. **A violência escolar e a crise da autoridade docente**. Cad. CEDES v.19 n.47. Campinas. dez., 1998.
- AMADO, J. (2001). **Interação Pedagógica e Indisciplina na Aula**. Porto: Edicoes ASA, 2001.
- AMADO, J.; FREIRE, I. Uma visão holística da(s) indisciplina(s) na escola. In J. Machado & J. M. Alves (Orgs.), **Melhorar a escola. Sucesso escolar, disciplina, motivação, direção de escolas e políticas educativas**. Porto: FEP/UCP, 2013.
- ARANHA, Antônia Vitória Soares. Gestão e organização do trabalho escolar: novos tempos e espaços de aprendizagem. IN: OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Gestão Educacional: Novos olhares, novas abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p.75-86.
- ARRUDA, S. M.; LIMA, J. P. C.; PASSOS, M. M. Um novo instrumento para a análise da ação do professor em sala de aula. **Revista Brasileira de pesquisa em Educação em Ciências**, v. 11, n. 2, p. 139-160, 2012.
- BRASIL, **Constituição Federal** – Lei Federal de 1988. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 08/07/2015.
- CORREIA, M. L. A formação inicial do professor: os desafios e tensões que a prática pedagógica impõe. **Analecta**, v. 9, n. 2, p. 11-20, 2012.
- DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas/SP, Ed. Autores Associados, 1996.
- CRUZ, A. R. SILVA, M. W. S. BENICIO, A. A. O emprego das novas tecnologias no aprimoramento do ensino-aprendizagem nas instituições de ensino e o papel do docente em todas as etapas educacionais. **Revista Científica da UNESC** v. 12, n. 15 (2014).
- FALKEMBACH, E. M. F. O Pensamento Político-Pedagógico de Paulo Freire: Diálogos com a Educação no Século XXI. **Revista festim: experiências educacionais**. ISSN 15268587 - Número 2 - Volume 1. Março de 2015 - Natal/RN.
- FERNANDES, JANICE APARECIDA AZEVEDO. A questão da indisciplina sob novos enfoques e sérias preocupações: uma revisão de literatura e proposta metodológica. **Revista Alpha**, v. 13, p. 199-217, 2012.
- FERRAZ, L. Formação e Profissão docente: a postura investigativa e o olhar questionador na atuação dos professores. **Movimento**. Revista da Faculdade de Educação da UFF. Profissão docente: teoria e prática. DP&A, nº 2, setembro de 2000.
- FERREIRA, M. C. R.(org). **Os Fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 3ª ed., 2001.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

FERREIRA, R. C. A. VIEIRA, A. M. Trabalho docente e tecnologias da educação: mediação e confluência. **Revista de tecnologia aplicada (RTA)** Vol. 2, No. 3, Set-Dez 2013, p.46-62 ISSN: 2237-3713.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, M. O sentido da aprendizagem. **In: Paixão de aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

FREIRE P. **Conscientização. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.

FUZER, W.B. DOHMS, E.P. “Ensinar a pensar” em física – dois exemplos de aplicação das operações de pensamento de Louis Raths. **Cad Cat Ens Fis**1988;5(2): 61-73.

GADOTTI, M. **Pensamentos pedagógicos brasileiros**. São Paulo: Ática, 1998.

GAUTHIER, C.; MARTINEAU, S.; DESBIENS, J. F.; MALO, A.; SIMARD, D. **Por uma Teoria da Pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí: Unijuí, 2006.

GOMES, D. V. Educação para o consumo ético e sustentável. **Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental**, v. 16, p. 18-31, 2006.

HENGEMUHLE, Adelar. **Gestão de ensino e práticas pedagógicas** – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LIMA, V. V. FEUERWERKER, L. C. M. PADILHA, Q. P. GOMES, R. HORTALE, V. A. Ativadores de processos de mudança: uma proposta orientada à transformação das práticas educacionais e da formação de profissionais de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 20(1):279-288, 2015.

MALDONADO, M.T. CANELLA, P. **Recursos de relacionamento para profissionais de saúde: a boa comunicação com clientes e seus familiares em consultórios, ambulatórios e hospitais**. Rio de Janeiro (RJ): Reichann & Affonso Editores; 2003.

MEDINA, N. M.; SANTOS, E. C. **Educação ambiental: uma metodologia participativa de formação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

NEVES, Lilia M. B.; JANKOSKI, Douglas A.; SCHNAIDER, Marcelo J. **Tutorial de pesquisa bibliográfica**. 2013. Disponível em: < http://www.portal.ufpr.br/pesquisa_bibliogr_bvs_sd.pdf >. Acesso em: 10 Agosto 2016.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 74, abr/2001. p. 27-42.

OLIVEIRA, M. A. MESQUITA, I. M. NASCIMENTO, E. F. VB. C. A trilogia *Aithmetica*, de Antônio Bandeira Trajano: um projeto inovador e modernizador para ensinar aritmética. **Rev. bras. hist. educ.**, Maringá-PR, v. 15, n. 1 (37), p. 201-234, jan./abr. 2015.

OLIVEIRA, J. **Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. 7. ed., atual. ampl. São Paulo: Saraiva, 1996.

PERIN, E.S.; CORDEIRO, M.V.C.C. **Indisciplina na Escola do Século XXI**. Monografia apresentada para obtenção do título de especialista em psicopedagogia, Ponta Grossa – PR, 2002.

PHELAN, T. W.; SCHOUNOUR, S. J. **1, 2, 3 – mágica para professores – disciplina efetiva em sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2009.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

RIGGIO, M. A. **Conseqüências de um programa de cooperação no desenvolvimento da Educação Matemática na Bolívia.** Tese (Doutorado em Educação Matemática), Unesp – Rio Claro, 1999.

SANTOS, J. MEIRA, K. C. Operações de pensamento e estratégias de ensino: relações e complexidade como uma alternativa para tomada de decisão na dinâmica dos processos de ensino-aprendizagem. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde.** Vol. 6 (Supl. 3). Junho 2015 p.2025-38.

SANTOS, C. F.. A Indisciplina no cotidiano escolar Candombá – **Revista Virtual**, v. 2, n. 1, p. 14–23, jan – jun. 2006.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** 36. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, Elisabeth Ramos; ABUD, Maria José Milharezi. As representações docentes sobre as causas da indisciplina na escola: de quem é a culpa?. **Revista do GEL**, v. 13, n. 1, p. 87-106, 2016.

SILVA, D. K.; LOPES, M. I. A indisciplina: um desafio para a equipe gestora. **Revista de Magistro de Filosofia**, ano 3, n. 5, 2.º semestre 2010.

SILVA, O. G.; NAVARRO, E. C. A relação professor-aluno no processo ensino –aprendizagem. Interdisciplinar: **Revista Eletrônica da Univar** (2012) n.º8 Vol – 3 p. 95 -100.

SILVA, Luciano Campos; MATOS, Daniel Abud Seabra. As percepções dos estudantes mineiros sobre a incidência de comportamentos de indisciplina em sala de aula. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 58, 2014.

SOFFIATTI, E. S. C. Democracia – compreensão do conceito com base no posicionamento da igreja católica nos séculos XIX e XX. Disponível em:<[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(68\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(68).pdf)>. Acesso e 09 de julho, 2015.

SOUZA, M. M. M. Um viés de mão dupla no processo de aprendizagem e na farsa da ensinagem no ensino básico na escola pública brasileira. **Caleidoscópio**, v. 1, n. 5, p. 38-63, 2015.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

TIBA, I. **Ensinar aprendendo:** como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização – São Paulo: Editora Gente, 1998.

VASCONCELLOS, C. S. **Construção do conhecimento em sala de aula.** 12º Ed – São Paulo; Libertad, 2002.

VEIGA, I. P. A. **Repensando a didática do ensino.** Campinas SP, Papirus, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003.